

PARAÍSO DAS CRIANÇAS

Jorge Amado

1ª edição pela Editorial Vitória, 1951

Relata a visita em 1948 e 1949 a União Soviética e vários países de democracia-popular: Tchecoslováquia, a Polônia, a Hungria, Romênia, a Bulgária.



Sim, não sei dizer de outra maneira da impressão que me causou a vida das crianças na União Soviética, senão escrevendo: paraíso das crianças.

Vi as crianças soviéticas em suas casas, nas escolas, nos teatros infantis, e para jovens, nos palácios de pioneiros, nas creches das fábricas, nos jardins de infância, nos campos de esporte onde faziam *ski*, nas bibliotecas especializadas, eu as vi estudando, brincando, dormindo, comendo, nas inspeções médicas, nas ruas da cidade. Eu vos direi: cada criança soviética é como um pequeno príncipe, cuidada por todo o povo, pelo governo e pelo Partido com o mesmo enternecido desvelo com que um velho jardineiro

apaixonado cuidado das suas flores raras. Numa terra onde o homem é considerado o capital mais precioso da sociedade, imaginai como não serão cuidadas as crianças, semente dos homens



de amanhã, homens que devem viver numa sociedade ainda mais elevada que a socialista, na sociedade comunista. As crianças são preparadas para a construção dessa vida. Cada criança e todas as crianças são motivo de constante atenção e para elas se destina o que de melhor produz o Estado Soviético.

Conheço bem a vida das crianças de meu país. Eu vi na cidade de Estância, no estado de Sergipe, morrerem diariamente crianças de menos de dois anos, por falta de alimentação adequada. Dezenas e dezenas. E esses recordes de mortalidade infantil se sucedem em cada cidade, em cada povoado, nas favelas do Rio de Janeiro e nos campos das margens do São Francisco. Conheço as crianças empapuçadas do sertão, comendo terra por falta de outro alimento, de enormes ventres e faces esqueléticas. Conheço os pequenos demônios que formam os grupos de crianças abandonadas em cada grande cidade brasileira: os “Capitães da Areia”, na Bahia, os “Índios Maloqueiros”, em Aracajú, os “Biribanos”, em Ilhéus, outros são os nomes nas demais cidades, mas o fenômeno é o mesmo, o mesmo produto de uma sociedade injusta; crianças que mendigam e roubam abandonadas nas ruas das cidades aos vícios e a um futuro de crimes. Conheço também os “reformatórios” onde são jogadas algumas dessas crianças: mais lúgubres que as prisões, mais terríveis que os cárceres, em lugar de educadores, bandidos sádicos que tudo fazem para liquidar nos meninos que lhe são confiados qualquer resquício de dignidade. Sobre esse problema, escrevi, fazem já uns 13 anos, um romance, resultado da indignação provocada em mim por tal injustiça social. Para escrevê-lo convivi com os

“capitães da areia” da Bahia. Ainda hoje sinto pungir o coração ao pensar nessas crianças abandonadas.

Vi as crianças soviéticas e jamais a causa do meu Partido Comunista me pareceu mais nobre: fazer das crianças brasileiras donas de uma vida como a das crianças soviéticas. Quando desejo evocar a imagem de uma criança feliz, penso naquela menina de uma escola soviética de Moscou que me dizia



Estudantes soviéticos construindo um pequeno avião aeromotor numa escola pública.

estar no seu amor pelos pais e pela Pátria a explicação de ser ela a primeira aluna de sua classe. Tinha um formoso rosto loiro, uns olhos azuis cheios de espanto pelo quadro que eu traçava – para ela e para suas colegas – da vida das crianças brasileiras. Seus olhos se encheram de lágrimas e ela queria dar-me, para que eu enviasse aos menino do Brasil, vítimas da sociedade capitalista, seus mais queridos bonecos.

Talvez seja o capítulo das crianças aquele que mais tenha dado lugar às calúnias antissoviéticas, às infâmias sobre a vida dos povos soviéticos. Certa vez uma camponesa da região tabageira do recôncavo baiano, à qual eu falava sobre a URSS, interrogou-me se era verdade que la se “comiam crianças, tal a fome e a liquidação dos laços familiares”. Perguntei-lhe onde tinha ouvido tal coisa e ela me disse que o juiz de direito da cidade próxima, dono das terras onde ela plantava e colhia fumo, lhe havia dito, e acrescentava na sua inocência:

– O senhor doutor juiz é um homem que sabe muito, ele estudou nos livros...

Essa infâmia que a imprensa burguesa já não tem coragem de repetir nas capitais, os latifundiários ainda a espalham pelos seus feudos, no desejo de evitar a ação libertadora do exemplo soviético.

Gostaria que cada mãe operária, cada mãe camponesa, cada mãe de família brasileira, pudesse visitar o Palácio dos Pioneiros de Leningrado, ou qualquer jardim de

infância de qualquer fábrica soviética, ou as creches, ou as escolas dos kolkozos. Ela veria crianças saudáveis e alegres, amando o estudo, crianças cujo futuro não representa preocupação para os pais. Então já nenhum juiz de direito, nenhum proprietário de terra, nenhum patrão de fábrica, nenhum jornalista a soldo de Washington, nenhum parlamentar ou político burguês poderia impunemente alardear calúnias sobre a infância soviética. Não poderiam mais repetir que as crianças, na URSS, são propriedade do Estado, que são separadas dos pais, que lhes ensinam o ódio à família, aos bons sentimentos, que as transformam em bandidos, não poderiam mais dizer que as crianças soviéticas sofrem fome, que vivem em promiscuidade sexual, que são habituais do roubo, da embriaguez e das prisões. Esse, que é o quadro da vida da criança pobre em nosso país, é exatamente o oposto da vida da criança soviética. No entanto, a imprensa vendida, silenciosa sobre a desgraçada vida das nossas crianças, evitando falar nos índices de mortalidade infantil, suficientes por si só para condenar as classes dominantes do nosso país, calúnia diariamente a União Soviética, com um cinismo sem par.

A vida da família, na União Soviética, é bem mais rica de afeto, de amor e de respeito entre os parentes que na família construída na sociedade capitalista. Para compreendê-lo devemos considerar a total desaparecimento, na URSS dos casamentos por interesse, tão habituais na sociedade capitalista que não chegam a surpreender a ninguém. Ali os casamentos resultam do amor, e qualquer jovem soviética a quem se falasse que, em certos países do mundo, existem moças, homens e pais, que escolhem noivos, noivas, genros e noras na base do dinheiro ou da profissão rendosa por eles possuídos, certamente abriria a boca num espanto, tão impossível é tal fato na URSS. Basta isso para dar uma base muito mais perdurável e concreta à vida de família, torná-la mais íntima e terna, já que se baseia num nobre sentimento e não num sujo comércio. O que não quer dizer que um cidadão soviético não possa se enganar em relação aos seus próprios sentimentos e realizar um casamento que não lhe proporcione a felicidade desejada. Nesse caso a solução é o divórcio, menos complicado que nos países capitalistas. Mas, uma coisa a notar desde logo no instituto do divórcio, na sociedade soviética, é a obrigação dos cônjuges separados contribuírem ambos para as despesas



das crianças filhas da união desfeita, é o cuidado do Estado em evitar que repercuta sobre os filhos o rompimento dos laços matrimoniais.

Mas, como se processa a vida da criança na União Soviética, porque considero eu a URSS um paraíso das crianças? Vejamos por que. A criança, desde antes de nascer, quando ainda em gestação no ventre materno, já se beneficia, através da mãe, do desvelo do Estado. Realmente, a mulher grávida é objeto de cuidados especiais. Ela tem direito a retirar-se antes do parto, gratuitamente, para uma casa de repouso, a médico e tratamento gratuito, e a 77 dias úteis (35 antes e 42 após o parto, o que com os domingos faz quase 3 meses) de férias, com o salário integral. A maternidade na URSS é objeto do maior respeito dos cidadãos e de prêmios do Estado. As mães de mais de 5 crianças tem direito à Medalha da Maternidade, as de mais de sete à Ordem da Glória Maternal e as de dez filhos ao honroso título de Mãe Heroína. Para dar uma ideia de como são tratadas as crianças, as mães com filhos pequenos e as mulheres grávidas, na URSS, basta lembrar que, em cada composição de vagões, no metrô Moscou, existe um compartimento – o único que difere dos demais por uma ainda maior comodidade – destinada exclusivamente às crianças, às mães acompanhadas de filhos pequenos e às mulheres grávidas. Conheço os metrôs de Buenos Aires, de New York e de Paris. Não vi neles nada de semelhante. As crianças, as senhoras grávidas, ficam à mercê da gentileza dos passageiros. No metrô de Moscou há para as crianças um compartimento especial.

Quando, nascida a criança, a mãe, findo o período de férias pagas, volta ao trabalho, tem à sua disposição na própria fábrica ou no quarteirão em que reside, a creche onde deixar durante o tempo de trabalho, o filho pequeno. Em cada 3 horas ela tem direito a quarenta e cinco minutos de tempo para ir à creche amamentar a criança. Terminado seu horário de trabalho vai buscar o filho e o leva consigo. Visitei creches de

fábricas e de bairros nas cidades soviéticas. Vi a dedicação dos médicos, das enfermeiras, do pessoal encarregado de cuidar das crianças. Ali o filho do cidadão soviético recebe assistência médica, cuidados especiais o cercam.

Certa vez, assisti à entrega dos filhos pequenos às operárias que terminavam o trabalho. As crianças estavam lavadas, limpas, alimentadas, era um gosto vê-las. As mães tomavam nos braços seus filhos, conversavam com os médicos (a maior parte dos quais eram mulheres), com as enfermeiras, recebiam conselhos. Muito tempo fiquei à vê-las, a essas felizes mães soviéticas. Pensava nas mulheres operárias brasileiras, obrigadas a deixar suas crianças ao abandono para ir trabalhar ou bem obrigadas a abandonar o trabalho para cuidar dos filhos, reduzindo ainda mais o já minguado orçamento familiar.

Mais crescida, a criança fica no jardim de infância, enquanto a mãe trabalha. Sob a direção de um pessoal competente e devotado – médicos, educadores, enfermeiras – as crianças são os senhores nessas casas magníficas, contornadas em geral de jardins e parques, com seus amplos dormitórios e pequenos leitos, suas salas de refeição com móveis próprios, minúsculas cadeiras, mesas anãs, um mundo de brinquedos. Aqui, sob a competente direção de educadores, profundamente devotados à sua obra, começa-se a desenvolver a educação da criança, a revelar-se sua vocação, a fazer-se dela um homem soviético. Aqui ela aprende a amar os animais e as plantas, a despir-se de qualquer egoísmo brincando com esses grandes cubos que necessitam de mais de uma criança para transportá-los, aprende a amar a pátria e aos pais.

Aos 7 anos vai à escola, obrigatória até os 14 anos. Visitei uma das grandes escolas primárias de Moscou: 800 alunos, dos dois sexos. Classes separadas para meninos e meninas, mas recreios em comum. Tudo que se pode desejar de mais moderno e perfeito em material escolar, em métodos de ensino. Professores dedicados, um clima de grande afeto entre alunos e mestres. Não é sequer necessário dizer que qualquer castigo corporal é absolutamente interdito (ah!, quando penso na palmatória de dona Guilhermina, a minha professora primária em Ilhéus, célebre pela violência de seus castigos...). Não só aos mestres como aos pais.

Conversei largamente com um grupo de alunas (de 10 a 14 anos de idade), após minha visita. Aliás, foram as meninas que pediram pra conversar comigo. Queriam perguntar-me coisas sobre o Brasil. Essa conversa é a mais comovente lembrança que trago da URSS. Pude medir ali o elevado grau de conhecimento de uma criança soviética, se compararmos a uma criança de escola primária num país capitalista. Esses conhecimentos não se reduzem às matérias escolares: aritmética, ciências naturais, história, geografia, etc. A criança soviética se interessa por tudo que se passa no mundo, tem horizontes muito mais amplos que os limitados, para as crianças dos países capitalistas, pelas historietas de quadrinhos, ou pelos filmes de “cowboy”. A literatura infantil soviética é qualquer coisa de extremamente sério qualquer coisa de realmente magnífico. A criança soviética, educada num espírito de interesse pela vida coletiva, de solidariedade para com todos os povos, é ávida de saber o que se passa nos mais longínquos países do mundo. Fizem-me as crianças dessa escola inumeráveis perguntas: como viviam os operários brasileiros, se existiam no Rio de Janeiro muitos teatros para as crianças, se os meninos brasileiros sabiam como vivem e estudam as crianças russas, se tinham palácios de pioneiros, como em Moscou. Respondi às perguntas e vi lágrimas em muitos olhos infantis.

Duas perguntas comoveram-me particularmente. Uma criança de seus onze anos, pediu-me notícias de Anita Leocádia, a filha de Prestes, Respondi que mais uma vez ela estava separada do seu pai, nosso grande camarada, mais uma vez ele estava perseguido e obrigado a dirigir da ilegalidade a luta do povo brasileiro pela paz e pela independência da pátria. A criança me disse:

– “Porque ela não vem para aqui? Nós cuidaremos dela, seremos suas irmãs..”

Outra se levantou em seguida e pediu notícias de Pablo Neruda. Naquele janeiro de 1949, Pablo estava ainda no Chile, na ilegalidade. Após ter contado a vida do poeta, eu quis saber, de uma outra criança. Como conheciam elas a existência de Prestes, de sua filha e de Neruda. A que havia me perguntado pelo poeta, respondeu:

– “Já li muito nos jornais sobre Neruda. E já li também versos dele, traduzidos em russo. Quanto a Prestes e a história de sua família todos nós a conhecemos, muitas vezes lemos sobre ele e sua luta”.

E, para meu espanto, aquele criança, de 13 anos, não mais, começou a declamar, em russo, versos de “América, 1948” de Pablo Neruda, poema de combate e de esperança.

Nessa conversa encontrei a resposta a uma pergunta que eu me fizera há alguns anos, quando li “As montanhas e os homens” e Illin. Espantara-me que aquele fosse um livro para jovens, tal a seriedade dos assuntos tratados, dos conhecimentos por ele transmitidos. Na URSS pude ver qual o grau de conhecimento das crianças soviéticas em idade de escola primária.

Uma menina me perguntara pelos teatros para crianças existentes no Rio de Janeiro e nas demais cidades brasileiras e que peças, especialmente escritas para crianças, nelas se representavam. Que resposta poderia eu dar senão que não possuímos nenhum teatro infantil em todo Brasil, que não possuímos mesmo um teatro para adultos digno de tal nome, que não possuímos uma literatura teatral infantil, que não possuímos mesmo, à exceção de dois ou três autores, uma literatura teatral? Em contraste, em toda a URSS se erguem os teatros para crianças e jovens, o número dos escritores especializados em escrever peças para a infância e a juventude é enorme. Estive em vários desses teatros, quase sempre um dos raros assistentes adultos. Que peças representam nesses teatros, que utilidade tem eles para a educação da criança, para sua formação? Falar-vos-ei de duas peças, entre as que assisti uma para crianças, outra para jovens, ambas em teatros de Moscou, destinados exclusivamente à infância e à juventude.

A peça infantil, intitulada “O lenço de pioneiro”, contava uma história de pioneiros. Os “pioneiros” são a organização da infância soviética, e cada menino é cioso do seu lenço vermelho de pioneiro. Tratava-se do seguinte: um pequeno cujos pais haviam morrido na guerra, vem habitar em casa de um operário, deputado ao Soviet. A mãe da família é engenheira. O casal possui dois filhos: o mais velho é um menino inteligente, mas preguiçoso, um pouco suficiente. Tendo, por preguiça, deixado de fazer um desenho para o jornal mural da escola, fora afastado da organização dos pioneiros, perdera o direito de usar o lenço vermelho. Sua irmã, boa aluna, pioneira exemplar, está triste como o fato. Ela e o órfão, durante o desenrolar da peça, ajudam o ex-pioneiro a

vencer sua tendência a não estudar, a não desenhar (ele que revelava um verdadeiro talento de artista), sua autossuficiência, e a reconquistar seu “lenço de pioneiro”. É claro que dou aqui apenas o fio da história, sendo a peça muito movimentada, com lances dramáticos e cômicos. O elemento cômico é dado por outro pioneiro, um verdadeiro burocrata infantil, ridicularizado pelo autor que, assim, alerta as crianças contra o perigo do burocratismo, do mecanismo. No mais, a peça mostra às crianças que é necessário ajudar seus colegas preguiçosos, suficientes, vaidosos, a superarem esses defeitos.

Mostra que o bom menino soviético é aquele que não fica satisfeito com seus próprios sucessos no estudo se o irmão, o amigo ou colega não está realizando um esforço igual o seu. Uma bela peça de teatro, cheia de elevados sentimentos, generosa, cálida, portadora dos germes desse humanismo socialista do novo homem soviético.

O público infantil acompanhava a peça com grande entusiasmo. Saudou a recuperação do jovem preguiçoso com estrondosos aplausos e quando o órfão, a quem ele havia duramente ofendido, tardava a lhe perdoar a injúria, toda a sala participou do espetáculo gritando:

– Perdoa! Perdoa! Faz as pazes! Faz as pazes!

Os atores eram muito bons, a montagem da peça cuidada. Os teatros infantis são alvo de uma atenção tão grande quanto os melhores teatros adultos: o Teatro de Arte, o Teatro de Câmara ou o Teatro de Sátira.

Alias uma das belas montagens que vi no teatro soviético foi a do primeiro quadro da peça para jovens sobre a qual vos quero falar. Tratava-se de uma peça sobre a vida do célebre aviador soviético Gastelo que, durante a última guerra, tendo-se incendiado o seu avião, em pleno combate, e não lhe restando possibilidade de salvar a vida, manobrou com seu aparelho de tal maneira que o fez tombar sobre um tanque nazista, servindo assim até o derradeiro momento à sua pátria.

A peça transmite às crianças os sentimentos de ardente amor à pátria e à humanidade. Os jovens veem desenrolar-se, através de uma série de quadros, a história de Gastelo: estudando aviação, indo depois lutar na Espanha ao lado dos republicanos, servindo sua pátria na grande guerra contra o nazismo. Gastelo é apresentado às crianças como um exemplo de cidadão, de patriota. A peça é toda ela um poema de

heroísmo, de generosidade, de amizade entre os povos e nações, de desprendimento, e, ao mesmo tempo, é um ótimo espetáculo teatral. O início da peça, com o avião de Gastelo em chamas, é realmente inesquecível.

Assim se educam na URSS as novas gerações, ensinando-lhes, através dos livros, dos filmes, do teatro, e através da vida coletiva, os grandes sentimentos humanos e os novos sentimentos soviéticos.

A vida coletiva das crianças é feita sobretudo através da organização dos pioneiros, que é, por assim dizer, como o partido comunista dos meninos. Para pertencer à organização dos pioneiros, é necessário comprometer-se a ser estudante exemplar. A organização que praticamente engloba toda a infância soviética, forma o espírito coletivo das crianças, proporcionando-lhes uma vida em conjunto por ocasião das férias, nos domingos, nas reuniões diárias nos palácios e casas de pioneiros, na ação desenvolvida nas escolas, na direção da vida de toda a infância.

Kalinin, humaníssima figura de velho bolchevique, presidente do Soviet Supremo da URSS até a sua morte, foi um dos grandes educadores da juventude soviética. Os problemas educacionais das crianças e dos jovens preocupavam-no particularmente, uma parte considerável de sua obra teórica é dedicada a esses assuntos e aos da cultura. Assim definia ele em 1940, a educação comunista: “A educação comunista difere radicalmente da educação burguesa não só no que respeita a seus objetivos, coisa que compreende sem necessidade de demonstração, mas também pelos seus métodos. A educação comunista está indissolúvelmente ligada ao desenvolvimento da consciência política e da cultura geral e à elevação do nível intelectual das massas.”

E mais adiante, no mesmo informe, afirmava: “Considero necessário deter-me ainda na questão do espírito coletivo. Não há necessidade de demonstrar de um modo especial que o espírito coletivo deve ocupar um lugar destacado na educação comunista. Não me refiro aqui aos fundamentos teóricos do espírito coletivo, mas a introdução de hábitos sociais na produção e na vida cotidiana, à criação de tais condições que o espírito coletivo constitua uma parte imprescindível de nossos costumes, de nossas normas de conduta, para que os nossos atos não só sejam meditados e tenham um caráter consciente, mas que se produzam também de uma maneira instintiva e orgânica”.

Essa tarefa, de transformar o espírito coletivo numa coisa orgânica e instintiva, é realizada, em relação à infância, pela organização dos pioneiros. Visitei o Palácio dos Pioneiros de Leningrado, instalado onde eram ontem palácios de nobres tzaristas, hoje postos à disposição da infância. Seis mil crianças se movimentavam pelas numerosíssimas salas, fazendo ginástica, aprendendo boxe, a esgrima, estudando balé, sob a direção dos mais afamados mestres soviéticos, aprendendo xadrez com a colaboração de grandes campeões russos, aprendendo física e química na maravilhosa sala dos milagres, onde um professor explica as maravilhas-milagres para o homem ignorante – da física, da química, da ótica, das ciências em geral. Aprendendo geografia – e também geografia política – noutra sala que é um primor de pedagogia moderna, pois as suas paredes são representação do mundo, de um mundo vivo e animado, apaixonante para a imaginação fresca das crianças.

Ali estavam seis mil crianças, outras tantas haviam estado no turno da manhã, outras viriam ainda no fim da tarde. Mais ou menos 15 mil crianças se divertem, estudam, trabalham, aprendem o valor da vida coletiva, diariamente, no Palácio dos Pioneiros de Leningrado. Crianças sadias e fortes, vivas e curiosas, sãs de espírito, animadas da vontade de ajudar os colegas, animadas do desejo de ajudar a construção de sua pátria socialista, preparando-se para as batalhas da construção do comunismo.

A escola e a organização dos pioneiros desenvolvem igualmente na criança o espírito de crítica e autocrítica tão importante na sociedade socialista. A criança, desde cedo se encontra, na sua escola ou na sua organização de pioneiros, diante de responsabilidades que lhe ajudam a desenvolver seu espírito de iniciativa, a enfrentar os problemas, a se formar para o amanhã. Em geral são as próprias crianças que dirigem muitos setores da sua vida escolar e são elas as responsáveis (sob a direção do Komsomol, a organização da juventude) pela vida e pelo desenvolvimento da organização dos pioneiros. Nas reuniões de sua organização escolar ou de pioneiros, no debate sobre o problema da escola, do jornal mural, dos atos a realizar, a criança aprende a dirigir, aprende a participar da vida coletiva, compreende que é um elo de uma cadeia formada pela vida de toda a nação e de toda a sociedade.



www.averdade.org.br

A criança soviética é a preocupação maior do Estado soviético. Não há tarefa mais importante, nesse país, que a formação de um novo homem, superior, pelos seus sentimentos, ao homem antigo, produto da sociedade de classes. Criança que se beneficia das imensas conquistas do Estado socialista, para elas voltam-se os olhos de toda a humanidade. Ela será o homem comunista de amanhã.